

# Introdução à Filosofia

**Cícero Cunha Bezerra**



**São Cristóvão/SE**  
**2010**



## A FILOSOFIA E A FÉ

### **META**

Apresentar a noção de Filosofia Medieval.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:

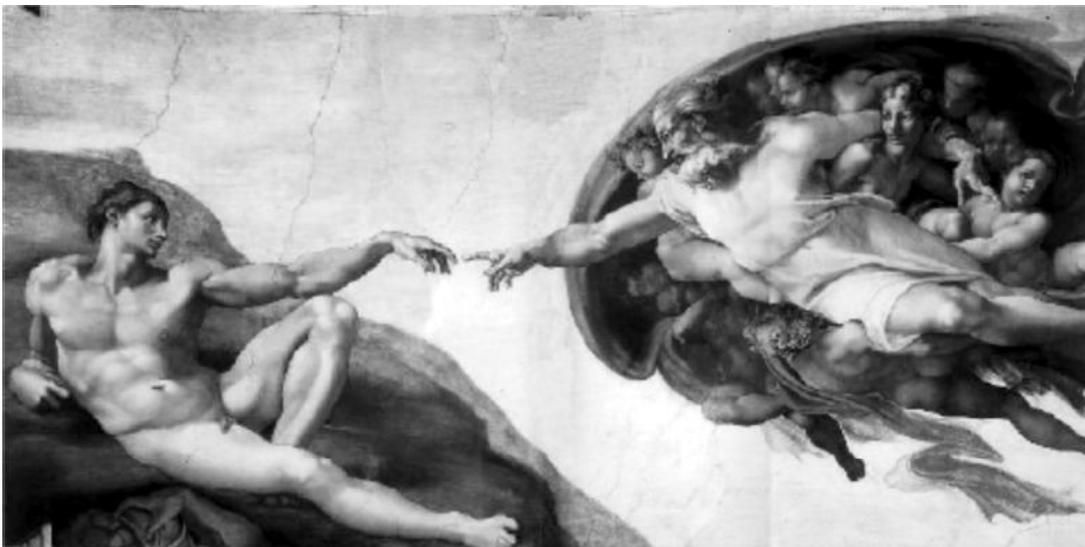
definir as fontes do pensamento medieval;

caracterizar as principais questões da Filosofia Medieval; e

analisar, à luz do pensamento agostiniano, alguns problemas filosóficos da Idade Média.

### **PRÉ-REQUISITOS**

O aluno deverá revisar o assunto relativo ao período helenístico.



A Criação, Michelangelo, Capela Cistina (1511) (Fonte: <http://upload.wikimedia.org>).

### INTRODUÇÃO

Olá, caro aluno. Seja bem-vindo ao nosso décimo primeiro encontro. Na aula de hoje, abordaremos sobre a chamada Idade Média, período o qual muitas coisas foram ditas e, também, mal ditas. O período das “trevas”, das bruxas, dos dragões, das cruzadas, das pestes, enfim, a longa noite de escuridão e males tão bem representados e explorados nos cinemas, livros de magia, esoterismo, etc. Sem dúvida algumas destas visões, mais que preconceituosas, constituem uma prova concreta da necessidade de se entender o que de fato se chama medieval.

Este será o objetivo de nossa aula, isto é, compreender o significado da expressão Idade Média. Entender, por exemplo, o que queremos dizer quando afirmamos indignados: “que horror! Regressamos à Idade média!”



A caça às bruxas foi um fenômeno, ao contrário do que se pensa, tipicamente moderno. Teve início no final do século XIV e se estendeu até o século XVIII. Inquisição. (Fonte: <http://louletania.blogs.sapo.pt>).

## A FILOSOFIA E FÉ

Está claro que a denominação “Idade Média” comporta uma valorização explicitamente negativa. Não é de se estranhar que esta definição, injustamente aplicada a um período de quase dez séculos (476 d. C a 1453 d.C), nasceu exatamente numa época que se denominou Renascimento e, posteriormente, Luzes ou Iluminismo.

Giovanni Andréa de Bussi (1469 d.C) foi um dos que caracterizou o período que vai do fim do Império romano até o seu tempo de media tempestas (Tempo médio). Em geral, esta visão negativa, consagrada no século XVII, esteve marcada por um desprezo geral pelo passado. O latim, língua oficial da Igreja, a literatura, a arte gótica e a escolástica, com suas reflexões sobre Deus, a fé e o mundo, foram desprezados como inferiores frente ao ideal greco-romano defendido pelos chamados renascentistas. Dito de outro modo, nada parecia possuir valor aos olhos da nova época que se apresentava.

Um exemplo marcante de crítica contra o pensamento teológico e filosófico medieval é encontrado em **Martinho Lutero** (1483 d.C) que via na aproximação do pensamento cristão ao paganismo (particularmente das filosofias de Platão e Aristóteles), isto é, no esforço dos pensadores medievais em demonstrar, com razões, a existência de Deus, um desvio dos verdadeiros princípios do cristianismo. A valorização da fé sobrenatural deveria sobrepor a especulação racional das Escrituras.

Outros pensadores como Erasmo de Roterdã (1466 d.C) também contribuíram para o fortalecimento desta visão negativa da denominada “Idade Média”. Para Erasmo, o medievo era símbolo de degradação moral, religiosa, política, literária e artística. Nesta mesma perspectiva, filósofos como Diderot, Condillac e Voltaire também se posicionaram contrários à filosofia desenvolvida até então. Aqui nos interessa ressaltar somente a raiz da expressão “Idade Média” como fruto de um julgamento, humanista-renascentista, frente a uma visão de mundo (weltanhang) e, portanto, em oposição a um modo próprio de entender o real e o conhecimento. Visão de mundo, erroneamente entendida como cristã, dado que reduzir a “Idade Média” ao pensamento ocidental-cristão é um erro absurdo.

Não podemos esquecer-nos dos conhecimentos provenientes da China, das reflexões islâmicas e judaicas. Com isso, queremos dizer que a chamada Filosofia cristã é somente um recorte, efetivamente o mais vasto com conseqüências políticas, éticas e filosóficas para o Ocidente, mas não o único. Para citar somente um exemplo, basta lembrarmos que foi graças aos árabes que o Ocidente (medieval e moderno) conheceu obras fundamentais de pensadores como Aristóteles. Um dado de suma importância para qualquer análise das conquistas e realizações desenvolvidas na “Idade Média” é saber que o período medieval, além da cultura ocidental latina,



**Martinho Lutero**

Monge agostiniano Doutor em Teologia. Depois de abandonar, por decepção, a Doutrina católica, tornou-se um dos mais acirrados críticos da junção entre os valores cristãos e a Filosofia pagã. Fundador da Reforma Protestante foi excomungado pela Igreja católica. (1483-1546).

estava formado pelo Oriente grego (Bizâncio), Asiático (China e Índia) e muçulmano.

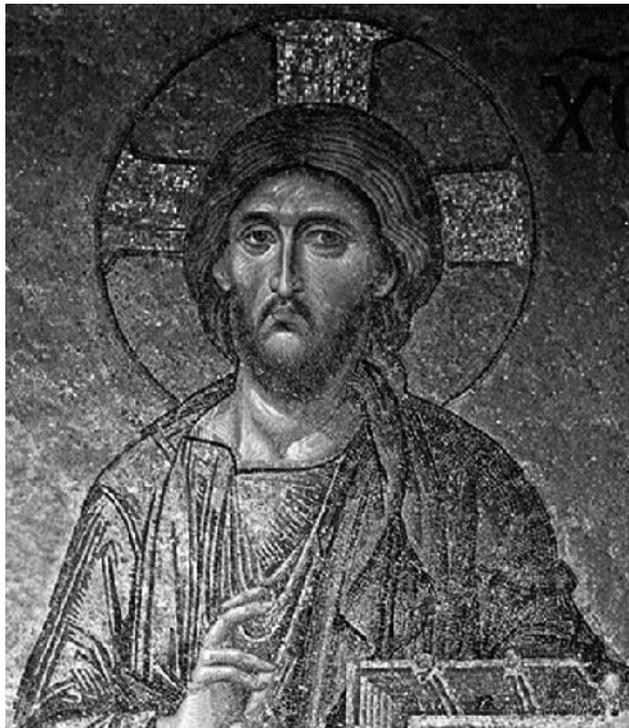
Neste sentido, além das escolas de Paris que no século XII converteram esta cidade no centro do mundo civilizado, a China introduziu o papel, a pólvora e a bússola. Três invenções determinantes na história humana. Os árabes (Al-andalus) transformaram, no século X, a chamada Península Ibérica na civilização mais avançada do Ocidente.

A criação de instrumentos de navegação como as tábuas astronômicas baseadas em modelos geométricos ptolomaicos, as teorias de Azarquiel no século XI foram indispensáveis para o avanço na precessão dos equinócios; o astrolábio náutico criado por Ibrahim Ibn Sahli em 1067 foi um instrumento que não só revolucionou as teorias científicas, através da descoberta de novos continentes e civilizações, mas contribuiu para mudanças de paradigmas sociais, culturais e filosóficos destruindo, assim, a velha imagem da “Idade Média” como estéril.

Os grandes avanços na lógica possibilitaram, em 1300, resolver clássicos problemas da Física e da Filosofia. A matematização da física e do raciocínio secundum imaginationem possibilitaram, no século XIV, a passagem do “possível físico” ao “possível lógico”.

Outro dado de suma relevância diz respeito às discussões travadas em Oxford e Paris entre os Realistas e Nominalistas medievais que impulsionaram novas descobertas no campo da óptica e da cinemática, preparando o caminho para Galileu e Kepler.

Vale ressaltar, contrariando o desgastado e sempre usual argumento



(Fonte: <http://www.meusestudos.com>).

de que a ciência na Idade Média estava controlada pela religião, que ciência e religião não eram campos incompatíveis e lembrar que Copérnico e Galileu foram discípulos de Jean Buridan e Nicolas D’oresme, mestres da escolástica parisiense.

Feita as devidas ressalvas e dado o caráter introdutório da nossa aula, podemos perguntar o que significa, portanto, Filosofia cristã? Responder esta questão implica adentrarmos um pouco na história do cristianismo e, principalmente, nos argumentos utilizados por seus representantes durante os primeiros séculos da nossa era. Segundo W. Jaeger, no seu livro *Cristianismo primitivo e paidéia grega* (Jaeger/1961/p.10), nos primeiros dois séculos, houve uma profunda influência da civilização grega no cristianismo. De modo que, a cristianização do mundo pagão não se deu de modo unilateral.

Dito de outro modo, a cristianização implicou em uma helenização do cristianismo. Recordanos o historiador que o cristianismo era um movimento de judeus e que os judeus estavam helenizados nos tempos de Paulo de Tarso.

Com isso, já podemos vislumbrar o diálogo estabelecido entre o pensamento cristão e a cultura e filosofia gregas. Os *christiano*i não somente foram capazes de absorver os fundamentos teóricos dos gregos, mas dominaram sua língua, seu pensamento e sua lógica. Questões do tipo: como alcançar a tranqüilidade do ânimo? Qual o caminho para a vida feliz? O que é a sabedoria? Como superar os vícios? São questionamentos dos quais se ocuparam os pensadores da Antiguidade tardia e do medievo.

Vale ressaltar que o cristianismo se fortaleceu, como religião e pensamento, graças a imperadores como **Constantino**, Cláudio (o Gótico) e Diocleciano, além de senadores, soldados e filósofos pagãos como Mario Vitorino. De modo que é necessário entender, por um lado, o apoderamento teórico da filosofia grega por parte dos chamados padres apologistas e, por outro, o papel político decisivo que o cristianismo desempenhou nos primeiros séculos. É importante ter claro que depois da oficialização do cristianismo como religião do império (397 d.C. durante o Concílio de Cartago), como bem observou A.H.M Jones, o cristianismo atraiu todo tipo de homem: de sábios que, com resistência, assumiam a nova fé do imperador à bárbaros que buscavam proteção na nova religião<sup>1</sup>. Os primeiros, defensores de um cristianismo como forma de pensamento teoricamente consistente do ponto de vista filosófico e teológico, foram homens que buscaram responder, associando elementos estoicos, peripatéticos, pitagóricos e platônicos, questões próprias da época tais como: Deus, mundo, felicidade, justiça etc. Poderíamos destacar como representante maior dos chamados apologistas Justino, o mártir.

Justino não somente defendeu a fé cristã em inúmeras cartas enviadas a imperadores como Adriano, Antonio Pio e Marco Aurélio, mas também buscou justificar, através do diálogo com o paganismo, as raízes filosóficas de conceitos tipicamente cristãos como Eucaristia e Encarnação. É importante observar que o crescimento do cristianismo como forma de vida, não se deu de modo pacífico. Muitos dos que aderiram a “nova fé” foram perseguidos e lançados aos leões, no entanto, a idéia do cristianismo como religião universal destinada, indistintamente, a todas as raças, foi algo que atraiu adeptos de inúmeros credos e filosofias.

Mas quando surge de fato o que chamamos de Filosofia Medieval? Essa é uma questão de difícil resposta. Normalmente, caracteriza-se o fim da idade antiga com a queda do império romano do Ocidente (476 d.C) e, no que concerne a filosofia antiga, com o fechamento realizado por Justiniano, da escola pagã em 529 d.C. O medievo terminaria com a queda do Império Romano do Oriente (1453 d. C) ou, no máximo, como a descoberta da

### Constantino, o Grande

Natural de Naissus, (272-337 d.C). filho de Constâncio I Imperador Romano do Ocidente (250-306 d.C). Ficou conhecido como o primeiro imperador a reconhecer o cristianismo como religião do Império. Conta-se que em 28 de outubro de 312, antes da batalha da ponte Milvia, sonhou com uma cruz que continha a seguinte frase: “com essa cruz vencerás”. Constantino ordenou que fosse pintada uma cruz nos escudos dos soldados e tendo conquistado a vitória reconheceu sua dívida com o Deus cristão.

### Justiniano I

Coroador na Páscoa de 527, Justiniano tentou unir os dois impérios (Oriente/Ocidente) através de uma grande unidade religiosa. Sua maior ação contra o paganismo foi o decreto fechando a última importante Escola Filosófica de Atenas. (483-565 d.C.).

América (1492 d.C.). Como marca do fim da filosofia medieval, podemos citar a Reforma de Martin Lutero, em 1517. Neste sentido, os primeiros séculos do Cristianismo, Patrística grega e latina, inclusive Agostinho de Hipona, pertencem a chamada antiguidade tardia. É paradoxal posto que, estes pensadores desenvolveram um pensamento filosófico completamente compatível com o tipo de reflexão que seria desenvolvido posteriormente no medievo.

De todos eles, Agostinho de Hipona é o mais emblemático, dado que demarca com sua obra *A cidade de Deus*, particularmente, com o saque de Roma em 410 d.C, a passagem para a época medieval.

De modo que teríamos, assim, basicamente dois períodos: a patrística, que se refere ao pensamento desenvolvido pelos “padres da Igreja” e que permanece associada, graças aos profundos traços com a tradição helênica, à antiguidade tardia. Como representantes podemos citar: São Justino Mártir, Clemente de Alexandria, Orígenes, Agostinho de Hipona, Dionísio Pseudo Areopagita; e a Escolástica, período marcado pelas grandes escolas e universidades medievais. Sua característica maior foi a tentativa de resolução das grandes questões como: Deus, o Mal, a Liberdade, à luz da unidade entre razão e fé. Como representantes desse período temos: Anselmo de Cantuária, Alberto Magno, Tomás de Aquino, Robert Grosseteste, Roger Bacon, Boaventura de Bagnoreggio, Pedro Abelardo, Bernardo de Claraval, João Escoto Erígena, Anselmo de Aosta, João Duns Scot, Jean Buridan e Nicole Oresme.

## CONCLUSÃO

Como conclusão podemos dizer que a Idade Média é um conceito atribuído a uma época de forma uniforme e negativa. O período medieval, contrariando as críticas que o classificou como “idade das trevas”, apesar de difícil delimitação histórica, pode ser entendido, sob o ponto de vista filosófico, como o fim das escolas pagãs e o início de uma reflexão marcada, prioritariamente, por inúmeras inovações tanto científicas quanto filosóficas.

## RESUMO

Nesta aula, vimos como é difícil definir, em um conceito, a Idade Média. Vimos, também, que a Filosofia produzida neste período está marcada pela fusão de culturas, principalmente, pela busca de conciliação entre a filosofia pagã e o pensamento cristão que despontava como religião oficial do Império. A filosofia medieval pode ser dividida em dois períodos, sendo que o primeiro, a patrística, que se refere ao pensamento produzido pelos Padres da Igreja nos primeiros séculos, se define como um período de “trânsito” para o medievo, e a escolástica, marcada pelas grandes teses e escolas.



## ATIVIDADES

1. Depois de ler o texto da aula, você sustentaria uma definição negativa do período medieval? Por quê?
2. Qual a relação existente entre o cristianismo e a filosofia grega?
3. O que caracteriza a chamada filosofia cristã?



## COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Lembre-se que as respostas para estas questões têm como ponto de partida o contexto histórico em que surge o cristianismo, ou seja, a consolidação de um novo modo de pensar (a teologia cristã) exigiu uma fundamentação teórica capaz de demonstrar a validade dos argumentos propostos e, neste sentido, a aproximação com a filosofia grega foi inevitável.

## PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, serão apresentados os principais problemas filosóficos presentes na Obra de Agostinho de Hipona. Também veremos as várias posturas teóricas que ele assumiu ao longo de sua vida.



## REFERÊNCIAS

- Boehner, Philotheus ; Gilson, Etienne. **História da Filosofia Cristã**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- Bréhier, E. **História da Filosofia. A Idade Média**. Vol.I-III.São Paulo,1978
- Cunha, C\B. **Compreender Plotino e Proclo**. Petrópolis: Vozes, 2006
- De Boni, Luís Alberto (org.). **A Ciência e a organização dos saberes na Idade Média**. Porto Alegre: Edipucrs, 2000. (Coleção Filosofia, 112).
- Duhem, P. **Hélène: un savant français**. Pierre Duhem, Paris: Plon. 1936.
- Gilson, Etienne. **Filosofia Medieval**. São Paulo: Martins Fontes.1995
- Idade Média: ética e política**. Porto Alegre: Edipucrs, 1996. (Coleção Filosofia, 38).
- Jaeger, Werner. **Cristianismo Primitivo e a Paideia Grega**. Lisboa.Ed. 70
- Libera, A. de. **Filosofia Medieval**. São Paulo: Loyola, 1998.